



17:37

29 de Av 5768  
כ"ט מנחם אב תשס"ח  
29 de agosto 2008

ראה

Ree

Veja



18:29

---

## LONGO CAMINHO

Entre as *Mitzvot* relacionadas ao Templo e a Israel, há uma preocupação com a manutenção da beleza do Templo e de Jerusalém. Alguns preceitos agrícolas foram instituídos para que as feiras da Cidade Sagrada fossem constantemente abastecidas e mostrassem fartura a todos que transitassem por lá. (Tratado *Rosh Hashaná* fol. 31b)

Uma destas *Mitzvot* é citada em nossa *Parashá*, o *Maasser Sheini* (segundo dízimo).

Todo agricultor, ao completar o ciclo da colheita, deveria separar o dízimo agrícola, que preza que parte dos produtos colhidos seria distribuída aos sacerdotes, aos levitas e aos pobres. O ciclo agrícola dura sete anos: durante seis anos a terra é trabalhada e, no sétimo, o ano sabático, ela entra em descanso.

Também havia o costume de que parte do dízimo recolhido no terceiro e no sexto ano deste ciclo, chamado de “segundo dízimo”, deveria ser levado para Jerusalém e somente lá poderia ser consumido. O mesmo deveria ser feito com um novo terreno de plantio; isto é, após o quarto ano de produtividade. Toda a produção deveria ser levada a Jerusalém e, somente lá, poderia ser consumida. O objetivo principal desta era o de manter sempre abastecidas as feiras de Jerusalém para conservar sua pujança, além de atrair mais os judeus para a cidade santa.

Esse preceito, no entanto, poderia trazer complicações aos agricultores que morassem mais distantes da capital. Por isso, um dos versículos de *Parashá Ree* isenta o agricultor com dificuldades de cumprir a tarefa. Ele poderia trocar os frutos da terra e, com esse dinheiro, deveria obter em troca outros frutos e levá-los à cidade, mantendo o comércio. A citação confirma:

“E quando o caminho te for tão comprido que os não possas levar, por estar longe de ti o lugar que escolher o Eterno teu Deus para ali pôr o seu nome, quando o Eterno teu Deus te tiver abençoado; então vende-os, e ata o dinheiro na tua mão, e vai ao lugar que escolher o Eterno teu Deus;” (Dt 14:24-25)

Trata-se versículo complexo, que exige explicação. “Se o caminho é comprido” já significa que “o lugar” está longe. Por que, então, a Torá usa esta linguagem tão incomum nas escrituras?

Os sábios interpretam disso: há uma aula de conduta, pois Jerusalém representa o centro da espiritualidade judaica. Todo judeu, durante a existência dos Templos, deveria passar por lá algumas vezes ao ano. “O lugar” era visitado para expiar nossos pecados, para agradecer pelas bênçãos concedidas, para comemorar as festas e outros acontecimentos de louvor, como o do nascimento dos filhos. E a maioria do povo aguardava com ansiedade o momento de subir ao Templo e desfrutar do clima de alegria e espiritualidade que pairava na capital. Era o momento de renovar a fé e fortificar a energia para continuar a observância dos mandamentos ao longo do ano. Entretanto, é preciso considerar a

dificuldade que alguns teriam em deslocar-se de suas casas, principalmente carregados de frutas ou animais.

Por isso, a Torá atribui a dificuldade ao “Estar longe **de ti** o lugar”. O caminho pode tornar-se comprido não só quando há má vontade. Neste caso, a pessoa estará isenta do esforço maior e poderá cumprir a *mitzvá*.

Este conceito aplica-se a qualquer uma de nossas obrigações, religiosas ou não. Muitas tarefas nos parecem difíceis ou quase impossíveis de serem realizadas. Na maioria dos casos, porém, a execução depende do nosso desejo de realmente cumprir a tarefa.

Assim, é preciso analisar sempre nossos pretextos para a não execução de nossas obrigações. Seriam elas realmente tão difíceis de cumprir ou tornaram-se difíceis por conta de nossa falta de vontade? Com isso em mente, é mais fácil refletir sobre o nosso próprio comportamento e discernir as dificuldades reais da preguiça.

No mês de Elul, que se aproxima, uma de nossas obrigações é procurar as pessoas com as quais temos algum tipo de desavença, para tentarmos superar positivamente a situação. “Tarefa difícil! Ele não vai querer falar comigo. Talvez nem olhe no meu rosto! Por que devo me humilhar desta forma?” As desculpas para não realizar esta importante tarefa podem ser inúmeras, mas se houver de nossa parte uma vontade efetiva de fazer o certo e manter a paz entre os nossos, a tarefa pode tornar-se bem mais simples do que imaginamos. Basta começar a andar e verificar que **o lugar** não é tão longínquo como nos parecia anteriormente.

## ELUL

Esta semana terá início o último mês do ano judaico, *Elul*. Durante todo o mês tocamos *Shofar* pela manhã e os *Sefaradim* iniciam as *Selichot*, orações de súplicas que antecedem o *Rosh Hashaná* e o *Yom Kipur*. Aproveitamos o mês para uma profunda reflexão sobre os nossos atos, preparando-nos assim para os dias de julgamento e perdão que se aproximam. Durante este período, cada indivíduo deve tentar reparar os erros cometidos durante o ano principalmente aquele em relação ao próximo. Reparar significa arrepende-se e tomar atitudes concretas neste sentido, pedir desculpas a alguém que tenhamos ofendido ou feito algum mal, melhorar as relações com aqueles que estejam estremecidos conosco e chegar mais próximo do Criador. O próprio nome “*Elul*” é um acróstico e indica o potencial do mês: (א)Ani (ב)LeDodi (ג)VeDodi (ד)LI (Cântico do Cânticos cap VI, ver 6) – “Eu para o meu amado e meu amado para mim”. O versículo nos ensina que, neste mês, um pequeno esforço de nossa parte para se achegar ao Criador aproxima o “Amado” Deus a sua criação.

Neste *Shabat* abençoaremos o mês de Elul. *Rosh Chodesh* será no próximo domingo e segunda-feira.

שבת שלום